

ESCOLA PRIMÁRIA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SARAH KUBITSCHK. EM BUSCA DE INSERÇÃO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

Luiz Fernandes da Costa¹

O tempo flui, como um rio, aquele ao qual Heráclito disse que não podemos descer duas vezes. Há, basicamente, duas maneiras de conceber o fluxo do tempo: desde o passado em direção ao futuro, ou desde o futuro em direção ao passado (BORGES, 1960)

RESUMO

A Escola Normal Sarah Kubitschek foi inaugurada em 03 de maio de 1959 nas dependências da Escola Municipal Venezuela, em Campo Grande – RJ. Em 1960 foi transferida para uma sede provisória sito à rua Augusto Vasconcelos, 212. Finalmente no dia 13 de outubro de 1974 ocupou a sua sede definitiva à Rua Manoel Caldeira de Alvarenga, 1203. Uma área de 44000 m² com três prédios. Um para a Escola Normal e os outros dois para as escolas - laboratório: o Jardim escola professor Waldemar Marques Pires (Educação Infantil) e a escola Deolinda Caldeira de Alvarenga (ensino Fundamental). Nesse artigo focalizaremos o Ensino Fundamental I, extinto nos anos de 2000. Para esse resgate nos apoiamos na História Oral, cujo método de investigação se dá através de depoimentos, entrevistas que buscam recuperar os rudimentos das vivências, experiências e sentimentos, dos que participaram dessa modalidade de ensino. Assim visamos resgatar o que foi o Ensino Fundamental I entre os anos de 1980 a 2008. Colaboraram para esse alcance três ex-alunos e duas professoras que escreveram/contaram com emoção as experiências vividas. E hoje todos celebram suas escolhas e bons resultados nos grupos de pertença, com encontros periódicos, nos quais procuram reviver os melhores momentos da educação. O IESK faz parte do imaginário da região.

Palavras – chave: Ensino Fundamental, Resgate, História da Educação.

INTRODUÇÃO

O ensino primário teve sua oficialização a partir do Decreto Lei de 15 de outubro de 1827, através da proclamação do príncipe regente D. Pedro I. Segundo esse decreto, em todos os lugares, quer nas vilas, quer nas cidades, seriam construídas escolas de primeiras letras para o povo. (BRASIL, 1827, p.71). Para tal realização foi necessário preparar os primeiros mestres, o que se deu em curto prazo nas escolas da capital. Os

¹ Mestre em Educação na linha de Representações Sociais pela Universidade Estácio de Sá. Doutorando em Educação pela Universidade Estácio de Sá. luiz.fernandes2008@hotmail.com

professores formados passariam por um exame de seleção, priorizando o método Lancaster².

Segundo Bastos (1997) esse método de ensino ganhou notoriedade na Lei de 1827. E para sua aplicação aligeirada foi necessário que as primeiras Escolas Normais brasileiras reduzissem o preparo didático e profissional dos novos mestres à compreensão detalhada do método. Com a regulamentação da profissão do magistério no ano de 1931, e da Lei Orgânica de 1946 do Ensino Normal, que organizou esse nível de ensino com diretrizes gerais, surgiram muitas escolas do curso Normal, dentre elas o Sarah Kubitschek.

A Escola Normal Sarah Kubitschek (ENSK) foi fundada em 03 de maio de 1959 nas dependências da Escola Municipal Venezuela, centro de Campo Grande, antigo Estado da Guanabara. De início ocupou 05 salas dessa escola municipal. Em 1960 foi transferida para a sede provisória, um antigo barracão de laranjas, sito à rua Augusto Vasconcelos, nº 212. Hoje o espaço é ocupado pelo Banco Brasileiro de Descontos (BRADESCO). Não se encontrou registros de quando a ENSK passou a oferecer o ensino primário. Por isso o nosso relato começa a partir da inauguração da sede definitiva. Se entende que a sede provisória não dispunha de espaço para esse atendimento, muito necessário para realização de estágios das normalistas. Com o crescimento da demanda, e a necessidade de uma sede definitiva, foi necessário construir um novo espaço.

Assim no dia 13 de outubro de 1974 a escola se transformava no gigante regional da educação. Na inauguração do novo prédio estiveram presentes o Exmo. Sr. Chagas Freitas (governador do estado do Guanabara), autoridades locais e também a presença da anfitriã senhora Sarah Luiza Lemos Kubitschek. Seu novo espaço está situado a Rua Manoel Caldeira de Alvarenga, 1203, Campo Grande. Uma obra grandiosa. São três prédios distribuídos em uma área de 44000 m². Na inauguração o complexo possuía 42 salas de aula, 12 salas de pesquisa, dois laboratórios, quatro auditórios, ginásio coberto, piscina olímpica, campo de atletismo e gabinetes médico e dentário. A partir de então, a escola se transforma em um ícone da educação, da cultura e do desporto, que garantiria inserção rápida no mercado de trabalho. Também ganhou destaque suas duas escolas de aplicação, a escola Professor Waldemar Marques Pires (Jardim de infância) e a escola Deolinda Caldeira de Alvarenga (Ensino fundamental).

² Também conhecido por método monitoral ou mútuo

O nome da escola de aplicação do ensino fundamental foi uma homenagem à família Alvarenga que tinha forte influência na região, assim como o nome da rua do novo endereço. Ressalta-se, ainda, que a Diretora Geral da época era da família – Professora Dayse Azeredo de Alvarenga Menezes. Porém a inauguração trouxe uma novidade, o nome da escola passou a ser Instituto de Educação de Campo Grande, descaracterizando o nome de batismo da instituição e a homenagem à primeira dama brasileira da época da fundação de Brasília. Somente em 1979, através da publicação do decreto Lei nº 2027 a escola passou a se chamar Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK)³. A extinção do curso primário do instituto nos anos idos de 2000, que seguia com resultados satisfatórios e por força da lei (LDB 9394/96) teve que ser encerrado, despertou-me para conhecer um pouco do que foi realizado para obter esses resultados positivos. Assim o nosso objetivo é resgatar a história do curso primário do IESK, que foi um modelo de ensino bem-sucedido na região. O que procuramos realizar sob o aporte da História Oral. Se trata de uma metodologia de pesquisa, que através de entrevistas gravadas e/ou questionários procura resgatar testemunhos de acontecimentos vividos, no caso, na esfera escolar do instituto.

DESENVOLVIMENTO

Colaboraram com este artigo três ex – alunos e duas professoras que atuaram nessa modalidade de ensino, e hoje estão aposentadas. Eles atuaram como atores dessa história, que poderia se perder no tempo. São as vozes não reconhecidas (observadas) desse período histórico (de 1980 a 2008). Porém através da história oral eles ganham privilégio e reconhecimento na reconstituição de um tempo que contribuiu com os novos horizontes educacionais, como declara Thompson ao considerar que,

A história oral é uma história construída em torno das pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história e isso alarga o campo de ação. Admite heróis não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a serem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (Thompson, 1992, p. 44)

Esse resgate se reveste de importância pelo que foi, e pelo que o IESK ainda representa na região (única escola Normal da Zona Oeste), que contava com 2.371.135

³ LIMA (2019, P. 184)

peças em 2010⁴. Só o bairro de Campo Grande tem hoje uma população de 400 000 habitantes. O bairro concentra mais de 100 escolas municipais⁵, 143 escolas particulares⁶, 25 colégios estaduais⁷ e faculdades. É considerado o maior contingente estudantil da América Latina. A história do instituto e a do bairro se consubstanciam em uma só, no que diz respeito ao progresso, cresceram juntos. E o tempo desse processo não deve ser desprezado, pois através dele podemos compreender melhor o presente. Preti (1991) considera o tempo uma variável relevante. Para ele

(...) sob o aspecto conversacional, revela-se a importância da categoria tempo e a presença constante do passado, como o ponto de referência constante para o discurso que, ainda quando centrado em temas do presente, se articula com base em duas realidades, a do ontem, e a de hoje. (Preti, 1991, p.28)

Nessa modalidade de ensino o professor realiza um trabalho multifacetado como, dar andamento ao processo de alfabetização, e introduzir o aluno ao estudo de várias áreas do conhecimento. Nesse aspecto Lima (2012) dá a sua opinião. Para ela,

O principal papel deste profissional é a formação contínua do aluno, enfatizando a alfabetização, ou seja, o ensino da literatura e gramática, bem como o contar, envolvendo principalmente as áreas de Língua Portuguesa e Matemática. (LIMA, 2012, p.150-151)

Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases de nº 9394/96 o ensino do 1º grau passou a ser chamado de Ensino Fundamental, ao mesmo tempo que passava para 9 anos de duração, por conta da junção do antigo primário e ginásio, cabendo ao ensino fundamental I, a partir da Lei, a duração de cinco anos. Existem poucas pesquisas dessa modalidade de instrução, o que nos despertou para conhecer e também colaborar com registros do que foi esse ensino na instituição, como alcançou a credibilidade na região e o seu encerramento no ano de 2008. A ex – aluna Luciana, que hoje é doutora e docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) fala sobre a metodologia de trabalho da instituição.

Compartilha que as turmas eram formadas a partir do desempenho dos alunos. Foi da turma 206, 302, 401 e 500, que era considerada a primeira turma da escola. Naquele período havia poucas mudanças entre as turmas. O aluno que

4

<https://br.search.yahoo.com/search?fr=mcafee&type=E210BR91199G0&p=popula%C3%A7%C3%A3o+da+Zona+oeste+do+Rio+de+Janeiro>, acesso em 25 de janeiro de 2024.

⁵ <https://prefeitura.rio/educacao/com-mais-de-100-escolas-da-rede-municipal-campo-grande-ganha-uma-nova-sede-para-a-biblioteca/acesso> em 25 de janeiro de 2024.

⁶ <https://escolas.com.br/particulares/rj/rio-de-janeiro/campo-grande>, acesso em 25 de janeiro de 2024.

⁷ <https://escolas.com.br/estaduais/rj/rio-de-janeiro/campo-grande>, acesso em 25 de janeiro de 2024.

passava direto permanecia com os alunos aprovados da turma. Mas se ficasse em recuperação, mudava de turma. A minha turma era formada por muitos filhos de professores do Sarah, aquela “turminha bonitinha”, turma modelo.

A administração do Ensino Fundamental funcionava muito bem, apesar do foco maior de atenção recair sobre o Curso Normal. Contudo, por ser uma instituição de renome, todas as modalidades da educação básica eram beneficiadas. O que levou o IESK a ser a “escola padrão” da região, por isso disputada em todos os níveis de ensino. Um dos destaques era o uniforme escolar, como considera a ex –aluna Elaine (hoje professora no Centro de Ensino de Jovens e Adultos – CEJA), ao descrevê-lo como

O uniforme era uma saia de tergal azul com pregas, a camisa era branca e com mangas, o sapato preto e a meia branca. A cobrança do uniforme em ordem era muito grande. Tínhamos que andar impecáveis.

Ela ainda acrescenta o desempenho dos alunos e da escola:

Havia muita dedicação. A unidade de trabalho de todos os setores, permitia o funcionamento com pleno atendimento. Os alunos abraçavam a todas as propostas e eventos que eram apresentados.

De forma que o resultado do trabalho era fruto da parceria dos responsáveis, da escola e dos próprios alunos, que se esforçavam para corresponder satisfatoriamente a todas as atividades de participação e avaliação. Soma-se a isso, que por ser uma escola laboratório do Curso Normal, tinha a participação dos normalistas em seus estágios. O que garantia aulas em todos os dias do calendário letivo. De maneira que mesmo regendo uma turma grande, de 35 a 40 alunos que era a realidade do instituto, possibilitava a assistência a grupos de alunos da turma e até alguns atendimentos individuais. A presença dos normalistas era bem vista pelos alunos. Elaine relata que era,

Muito favorável no processo de ensino aprendizagem do fundamental I. Todas os estagiários contribuíram para a aprendizagem dos alunos (tenho fotos dos estagiários na minha turma como regentes).

A Luciana confirma essa importância. Diz que,

Uma coisa muito marcante no Ensino Fundamental era a presença das normalistas. Eu digo que quis muito ser professora porque achava o maior barato, as meninas com aquele uniforme, sempre presentes na escola laboratório. Eu adorava àquelas aulas, davam lembrancinhas. Sou de uma época em que o ensino era tradicional, e de repente as normalistas vinham dar uma aula diferente das aulas das professoras da turma.

Já o ex aluno José Ângelo (hoje professor na instituição), acrescenta que

Como aluno do primário não me lembro da presença de normalistas nas aulas que assistia. Porém, lembro-me que no recreio as normalistas dialogavam conosco. E quando eu estava no curso normal, fiz estágio no fundamental I.

Porém a opinião da professora Kátia sobre os estágios, soa como advertência. Para ela,

O trabalho dos estagiários era bom sim, mas naquela época percebia que num futuro bem próximo teríamos professores com formação deficiente, pois não via seriedade naqueles jovens.

A qualidade de ensino do Sarah era notória. A cobrança do ensino - aprendizagem ia além da exigência dos pais e dos professores. Não obstante, a diretora também avaliava. Ela certificava o aprendizado, cobrava leituras com devidas pontuações e oralidades. É o que relata a Luciana.

Lembro-me que quem tomava a leitura da gente era a professora Dina Aurora, diretora do ensino fundamental. O pessoal tinha pavor de Dona Dina. Ficava aquela fila de crianças na porta da sala dos professores lendo, treinando para prestar contas à diretora.

Nota-se que havia uma esfera de grande comprometimento do instituto com a educação. Não faltavam atividades para os alunos. O ensino era bem diversificado buscando abarcar uma formação social, psicológica e motora dos mesmos, além de quebrar a rigidez do modelo “ler, escrever e contar”. A professora Kátia fala das atividades que eram desenvolvidas ao longo do ano.

Fazíamos festas nas datas comemorativas do calendário escolar. Nelas figuravam: festa junina, folclore, dia das mães, dia dos pais, dia da Bandeira e outras que eram acrescentadas durante o período letivo.

A professora prossegue falando sobre o bom desempenho dos discentes às atividades propostas e considera que um dos fatores para o sucesso vinha do apoio da direção do ensino, que dava autonomia de trabalho para elas. Já para a regente Sueli,

O desempenho dos nossos alunos era muito satisfatório, os pais muito presentes, as crianças muito interessadas, e os resultado sempre muito bons. Isso até determinada fase da educação. Por conta da “aprovação automática” o aproveitamento foi declinando, declinando, os pais diminuíram em muito seus interesses. Mesmo assim nós conseguimos grandes vitórias. Nossos alunos estão brilhando por aí, com certeza.

O uso de livros didáticos no Ensino Fundamental ficava a cargo das professoras. Algumas delas não adotavam algum compêndio, por saber que nem todos os alunos teriam recurso para comprá-lo. Em contrapartida o curso tinha uma metodologia de trabalho que garantia a qualidade através de aulas e projetos. Mas Elaine fala de um dos momentos no qual foi solicitado um livro, e nem todos da turma compraram-no. Mesmo assim ela procurava acompanhar as lições. Ela relata que,



houve orientação para comprar um livro didático, porém eu não tinha condição financeira para comprá-lo. Então utilizava o recreio para ler os livros de minhas amigas que os possuía.

A escola cuidava primorosamente da formação cívica dos alunos. A professora Sueli disse que “todas as manhãs os alunos formavam para cantar o Hino Nacional e hastear a bandeira”. O sentimento de pertença era forte nesse estabelecimento. A aluna Elaine detalha algumas atividades de grande valor para a escola e para a região de Campo Grande.

Desfile cívico. Havia a banda própria da unidade escolar onde os instrumentos eram diversificados. Inclusive pratos e bumbo. O coral realizava ensaios na quadra esportiva, e o conjunto de vozes ecoava de forma solene. Era emocionante ouvir e cantar “bambalão” e “Senhor capitão”.

Estava chegando o final de mais um ano letivo. A equipe de professores, funcionários e diretora da modalidade de ensino resolveram terminá-lo diferente. Em escolas laboratórios do curso Normal é natural que a Festa de Natal feche o ano letivo. Dessa vez foi acrescentado para o encerramento do ano um projeto de teatralização que foi “A Escolinha do professor Raimundo”. Professora Sueli relata como aconteceu.

Foi um evento muito bonito. Toda a equipe reunida com os alunos, até a professora Dina Aurora, Diretora do Fundamental I, participou. E eu, imagine, representei a personagem Dona Bela. E o meu bordão era “só pensa naquilo”.

Quando a equipe é ajustada e comprometida, todos trabalham para o bem comum. E somando a isso ao apoio dos responsáveis, o resultado é muito melhor. O Sarah alcançou o *podium* nessa modalidade de ensino. Muitos alunos só eram matriculados na rede privada se não conseguissem a tão sonhada vaga no Sarah. Quem testemunha da harmonia do ambiente escolar é a professora Sueli.

Éramos uma família, amigos, sempre prontos para tentar resolver qualquer problema. Havia união, respeito e amor. O que perdeu um pouco a essência com a mudança da direção.

Com o advento dos anos 2000 passou-se a falar que o Ensino Fundamental era competência do município. Era chegado o momento de aplicar a Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/96) no Sarah, perderíamos as escolas laboratório. A lei foi aplicada para uma escola diferente, de forma implacável. Assim iniciou o processo de finalização do curso. Primeiro para a Educação Infantil (Jardim Escola professor Waldemar Pires). Depois foi a vez do Ensino Fundamental. A insatisfação dos pais e professores foi sufocada. Não sabiam como agir, nem se valia a pena lutar. Nesse mesmo período chegava para ocupar o espaço deixado pelo curso a Universidade Estadual da Zona Oeste.

Era o ano de 2004, e o prédio do Curso Normal teve que ceder paulatinamente o terceiro andar, um auditório, o espaço cultural e o prédio do Ensino Fundamental para a nova instituição pública. Em 2008 não havia mais crianças na escola. Estava extinta a escola de aplicação Deolinda Caldeira de Alvarenga. O prédio da Educação Infantil, que foi organizado e mobiliado para os pequenos, foi transformado em cemitério de livros. Milhares e milhares de sobras de livros do IESK e de outras escolas estão lá depositados, gerando tristeza e decepção.

Porém as imagens e os momentos vividos não se apagarão para aqueles que lá lecionaram, para os que estudaram e para os responsáveis pelos alunos. Elaine resume as principais lembranças que a acompanham.

Formaturas, mostras de teatro, mostra de coral, a educação física na quadra esportiva, a fiscalização rigorosa do uniforme por parte dos inspetores e o recreio na praça redonda onde eu tomava sol durante o recreio.

Já a professora Sueli recebeu a notícia do fechamento do curso com muito pesar.

Foi um choque muito grande, jamais imaginava que um estabelecimento como o Instituto de educação Sarah Kubitschek pudesse acabar como acabou. Triste de mais.

E a professora Cátia, que já estava aposentada a época, revelou,

Fiquei arrasada. Eu tinha o IESK como referência no ensino. Uma escola diferente. Infelizmente por questões políticas fizeram encerrar um trabalho que dava certo. Não vivi a cena pessoalmente pois já estava aposentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino Fundamental e a Educação Infantil deixaram de existir. Antes deles foi extinto o Ensino Ginásial (fundamental II). Houve grande comoção da comunidade escolar, inclusive dos professores (quero crer) colocados à disposição para outras unidades escolares. No caso dos professores do Ensino Fundamental, o Sarah os acolheu em outros setores como a biblioteca, secretaria.... Com a saída dessas modalidades de ensino o IESK perdeu um pouco do seu brilho e até a essência pujante do nome “Instituto de Educação Sarah Kubitschek”, já que funcionava como laboratório de aplicação de metodologias de ensino, e tinha um amplo trabalho cultural e desportivo na região. Muitas vezes O IESK ia para o centro do Rio de Janeiro em atendimento à solicitação do governo municipal e do governo estadual em suas realizações políticas. Além disso era detentor

de muitas medalhas em diferentes modalidades esportivas na região, como confirmou o ex-aluno Ângelo, professor de Educação Física no Sarah. No seu auge de atendimento, ano 2000, chegou a atender 7281 alunos (três turnos – 40 turmas por turno). Hoje prossegue com a Escola Normal e atende também o Ensino Médio regular. Mas os alunos e professores que participaram da construção dessa história celebram a sorte e a formação que os levaram ao êxito. São muitos grupos em ação nos encontros presenciais, virtuais, e de bate papo. Quase todas as escolas da região tem professores formados pelo Sarah, atuando na docência. Dentre esses grupos destaco dois deles: o de “amigos do Sarah” organizado por um ex-aluno com cerca de 97 participantes, formado por alunos, professores e funcionários. E o grupo de aposentados do Sarah, prof@apos.iesk.org.br, organizado por duas professoras aposentadas que tem cerca de 100 participantes.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M. H. C. A instrução pública e o ensino mútuo no Brasil: uma história pouco conhecida (1808-1827). *História da educação* Pelotas, n. 1, v. 1, p. 115-133, 1997.

BORGES, J. L. *Otras inquisiciones*. Buenos Aires, Emece, 1960.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=26.,da%20economia%20e%20da%20clientela. Acesso em: 15 de dez. de 2023.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Império. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio>.

LIMA, F. S. Instituto de Educação Sarah Kubitschek; as origens da “Brasília de Miécimo” (1957). *Revista Contemporânea de Educação*, v. 14, n. 30, maio/ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v14i30.20822>

LIMA, V. M. M. A complexidade da docência nos anos iniciais na escola pública. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente/SP, v.22, n.23, p.148-166, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/1767/1701>. Acesso em: 22 abr. 2017.

PRETI, D. F. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992